

12 de Junho – Dia Mundial de Combate ao Trabalho Infantil



Colheita do Futuro

O fim do trabalho infantil na agricultura

A cada ano, o Dia Mundial de Combate ao Trabalho Infantil focaliza a atenção do mundo sobre a situação dos trabalhadores infantis. Em 2007, o objetivo principal do Dia Mundial é conscientizar e realizar atividades que promovam a eliminação do trabalho infantil na **agricultura**. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) estima que 70% do trabalho infantil se concentra nesse setor e o mais recente Relatório de Monitoramento Global sobre Educação para Todos indicou que mais de 80% das crianças que se encontram fora da escola estão na área rural.

Algum progresso está sendo feito nos esforços para eliminar o trabalho infantil. De acordo com dados da OIT, o número de trabalhadores infantis caiu de 246 milhões em 2000 para 218 milhões em 2004, uma queda de 11 por cento.

Essa redução no trabalho infantil não aconteceu por acaso. A comunidade internacional e os governos nacionais colocaram forte ênfase no Objetivo de Desenvolvimento do Milênio de garantir que em 2015 todas as crianças tenham acesso à educação primária.

Além disso, em muitos países cresce o movimento de oposição ao trabalho infantil, com trabalhadores, empregadores, governos e organizações assumindo importantes papéis em esforços para impedir a exploração da mão de obra trabalho infantil.

Um desafio para países ricos e pobres

70 por cento dos crianças trabalhadores estão na agricultura. De atividades como cuidar de gado, participar de colheitas, lidar com máquinas, sinalizar em terra a aplicação de pesticidas por aviões, mais de 150 milhões de trabalhadores infantis ajudam a produzir produtos alimentícios que consumimos, além das fibras e materiais vegetais primários que usamos. O trabalho infantil na agricultura não está confinado a países em desenvolvimento; é também um sério problema em países industrializados.

O número de crianças trabalhadoras na agricultura é quase dez vezes que na indústria, como a manufatura de roupas, produção de tapetes ou costura de bolas de futebol. Ainda, apesar dos números e da natureza difícil de seu trabalho, crianças trabalhando na agricultura receberam relativamente pouca atenção. Além disso, muitas meninas trabalhando na agricultura enfrentam o duplo fardo de trabalhar nos campos e em casa.

Para qualquer idade, a agricultura – assim como a construção e a mineração – é um dos três setores mais perigosos para se trabalhar em termos de fatalidades relacionadas ao trabalho, acidentes não fatais, doenças ocupacionais e até mesmo danos mentais.

Eliminar o trabalho infantil requer que governos, organizações, grupos e indivíduos trabalhem juntos em muitos níveis diferentes. Criar um mundo no qual o trabalho infantil não seja mais uma necessidade significa reduzir a pobreza. Por sua vez, erradicar a pobreza significa, entre outras coisas, garantir o trabalho decente para adultos. Isto também quer dizer garantir o acesso à educação de qualidade para todas as crianças, uma educação que atraia e retenha essas crianças, particularmente trabalhadores infantis, uma educação que leve em consideração suas necessidades e expectativas.

Crianças precisam de leis que as protejam e o quadro jurídico precisa ser implementado eficazmente. Professores, crianças, comunidades e empregadores, todos necessitam ser conscientizados das devastadoras consequências a longo prazo das piores formas de trabalho infantil.

PERIGOS ENFRENTADOS PELAS CRIANÇAS TRABALHADORAS NA AGRICULTURA

- » Longas jornadas de trabalho nos períodos de plantio e de colheita;
- » Muitas atividades agrícolas são fisicamente demandantes e cansativas – abaixar-se, curvar-se, carregar cargas pesadas;
- » As crianças ficam expostas a temperaturas extremas;
- » São utilizadas perigosas ferramentas cortantes;
- » Risco de quedas e de ferimentos causados por objetos em queda;
- » Problemas de pele são comuns;
- » Risco de ferimentos ou mortes por veículos agrícolas e maquinário pesado;
- » Exposição a ruídos altos pode prejudicar a audição;
- » Exposição a pesticidas e outros produtos tóxicos;
- » Exposição a altos níveis de poeira orgânica que podem causar asma;
- » Risco de ferimentos e doenças causados por animais e picadas de animais peçonhentos.



FRUTOS

Em Petrolina, crianças colhem uva e tomate. A região seca ficou boa para a cultura graças à irrigação. O trabalho inclui a aplicação de adubos e defensivos, manejados indiscriminadamente.

Entre a praga e o veneno

O balde de tomate é maior do que Mariano, 3 anos; o irmão mais velho, Cícero, 10, presta atenção quando o pequeno vai até a caixa. Cícero ajuda a mãe, Lurdes, 36 anos, na colheita. Mariano vem de “lambuza”, pois a mãe não quer deixá-lo sozinho no barraco, perto do Núcleo 3. Ele acaba “brincando” de colher. O marido de Lurdes e mais quatro filhos trabalham um lote adiante. A família veio do Ceará há quatro anos.

Cícero e a mãe colhem até 100 caixas de 20 quilos num dia e ganham por produção: uns 8 centavos por caixa. A tarefa termina à tardezinha. Ficam com as mãos e roupas manchadas do verde das folhas e de resíduos de produtos pulverizados. O dono da lavoura considera Cícero esperto para a idade, pois faz quase o serviço de um adulto. O menino não sabe ler nem escrever.

Desde cinco da manhã, as famílias se postam nas saídas da cidade, esperando que donos de lotes e empreiteiros passem de picapes, kombis, caminhonetes e caminhões de todo jeito, inclusive caçambas fechadas, parecendo grandes gaiolas. Os motoristas negociam o preço do dia. A seleção é cruel: a escolha recai nos braços jovens e fortes; os mais velhos acabam rejeitados e voltam para casa. Em alguns veículos, há briga entre os trabalhadores, para ver quem segue. (Extraído de “Crianças de Fibra”, Iolanda Huzak e Jô Azevedo, Copyright OIT)



SISAL

Produzir a fibra exige muitos afazeres. Na Bahia, crianças trabalham nas bateadeiras; cuidam da plantação; cortam palha; e desfibram em máquinas obsoletas, que criam uma legião de mutilados.

A máquina que mói folhas e braços

Apesar de seus 17 anos, Paulo Sérgio Jesus de Oliveira tem o jeito triste de um adulto sofrido. Ao lado dele, sentado à mesa do restaurante de Santa Luz, no nordeste baiano, Geraldo Alves dos Santos, 49 anos, parece mais jovem. Falador, irreverente, tira o chapéu e vai logo pedindo uma cerveja enquanto o comercial não vem. Mais de 30 anos separam os dois. Na hora de comer, Geraldo mexe em talheres, copos, pratos, com desenvoltura. Paulo Sérgio observa e se atrapalha, desacostumado em ser um canhoto recente. Em volta, as pessoas olham com ar surpreso para os dois homens, um moço e um velho: aos dois falta uma das mãos.

A mesma tragédia une Paulo Sérgio, o adolescente, e Geraldo, o adulto. Ambos fazem parte da legião de 2 mil mutilados pelos motores de desfibramento do sisal, máquinas com tecnologia dos anos de 1940/50, quando a cultura se mostrou adaptável à região, assolada pela seca. Geraldo transformou em ação a revolta pela perda do braço esquerdo, com 16 anos. Participou das lutas pela indenização dos acidentados, foi presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Valente e hoje é um dos diretores da Federação dos Trabalhadores Rurais da Bahia. Ele dá uma força ao menino.

“Depois que perdi o braço, todas as meninas queriam me namorar! Você ainda está vivo, rapaz!”

Mas Paulo Sérgio ainda engole a raiva da máquina que lhe moeu quatro dedos da mão direita, há um ano: “Ainda não posso ouvir o barulho do motor.”

Como outras crianças, Paulo Sérgio foi exposto ao risco da mutilação muito cedo. Com 4 anos começou a ajudar o pai, a mãe e os nove irmãos, na plantação da família em Vargem da Estrada.



Como professores podem ajudar

Professores estão estrategicamente melhor situados para saber se o trabalho infantil existe nas comunidades em que eles trabalham e vivem. Professores também ocupam uma posição de respeito na comunidade, suas visões são ouvidas e eles contribuem para mudar atitudes e comportamentos.

A lista abaixo apresenta algumas idéias sobre como os professores podem ajudar no movimento para eliminar o trabalho infantil.

Na escola

- » Como parte do monitoramento da frequência, há procedimentos a seguir se a criança se ausenta constantemente?
- » Os resultados do monitoramento da frequência são discutidos na escola?
- » Os professores da sua escola estão conscientes de que as crianças estão ausentes porque elas estão trabalhando quando deveriam estar na escola?
- » As crianças chegam à escola cansadas porque elas estavam trabalhando?
- » Se há crianças com baixos índices de frequência e em risco de abandonar a escola, o que pode ser feito para ajudá-las?
- » Explore por meio da interação com as próprias crianças se elas trabalham ou não e o que elas fazem.
- » Se as crianças estão em risco de abandonar a escola, há formas de estabelecer contato com suas famílias para conscientizar os pais do valor da educação e dos riscos do trabalho infantil?



MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O DIA MUNDIAL DE COMBATE AO TRABALHO INFANTIL E ATIVIDADES CONTRA O TRABALHO INFANTIL:

Escritório da Organização Internacional do Trabalho (OIT)

SEN, Lote 35, Brasília - DF, 70.800-400, e-mail: brasil@oitbrasil.org.br | www.oit.org.br

Programa Internacional para a Eliminação do Trabalho Infantil (IPEC) | www.oit.org.br/ipec

Nós gostaríamos de ouvir sua opinião! Se você fizer alguma dessas atividades, por favor, nos envie detalhes (fotos, listas de presença, um breve relatório, etc.) Nós encaminharemos um certificado de participação para a sua escola.